



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**GABRIELA DE FREITAS PESSOA**

**A REALIDADE DA NEGRITUDE NO FUTEBOL BRASILEIRO**

**GUARABIRA – PB  
2024**

GABRIELA DE FREITAS PESSOA

**A REALIDADE DA NEGRITUDE NO FUTEBOL BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

**Área de concentração:** História, Política e Relações de Poder.

**Orientador:** Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto.

**GUARABIRA – PB  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P475r Pessoa, Gabriela de Freitas.  
A realidade da negritude no futebol brasileiro [manuscrito] /  
Gabriela de Freitas Pessoa. - 2024.  
31 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto,  
Departamento de História - CH."

1. Negros. 2. Futebol. 3. Racismo. 4. Raça. 5. Luta. I.  
Título

21. ed. CDD 796.96

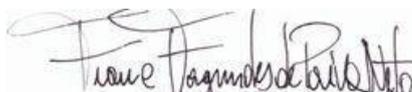
## A REALIDADE DA NEGRITUDE NO FUTEBOL BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

**Área de concentração:** História, Política e Relações de Poder.

Aprovada em:20/06/2024.

### BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente

**gov.br**

LUIZ MARIO DANTAS BURITY  
Data: 24/06/2024 11:22:57-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr.. Luiz Mario Dantas Burity (1º Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente

**gov.br**

LUCIANA CALISSI  
Data: 21/06/2024 15:08:49-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Luciana Calissi (2º Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Ninguém deve ser julgado pela cor de sua pele. O futebol é uma ferramenta para unir, não dividir.”

(Vinícius Jr., 2021)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Figura 1** – Futebol (Cândido Portinari, 1935)

11

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CND** - Comissão Nacional do Desporto

**CBJD** - Código Brasileiro de Justiça Desportiva

**CBF** - Confederação Brasileira de Futebol

**FIFA** - Federal Internacional de Futebol

**LMF** - Liga Metropolitana de Futebol

**ODRF** - Observatório de Discriminação Racial do Futebol

**PCB** - Partido Comunista do Brasil

**RJ** - Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 AS RELAÇÕES DA BRANQUITUDE COM O FUTEBOL EM UMA ESCALA DE ANÁLISE LATINO-AMERICANA .....</b>	<b>10</b>
<b>3 NEGRITUDE NO FUTEBOL .....</b>	<b>17</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>

## A REALIDADE DA NEGRITUDE NO FUTEBOL BRASILEIRO

### THE REALITY OF THE NEGRITUDE AT BRAZILIAN FOOTBALL

Gabriela de Freitas de Pessoa<sup>1\*</sup>

#### RESUMO

A origem do futebol no Brasil ocorreu através das classes dominantes, proibindo os negros e operários de participarem do esporte, restringindo apenas a elite da época. Mas isso não impediu os negros de praticarem o esporte, ainda que fosse na clandestinidade. Ao longo dos anos, e através da criação de ligas profissionais, os negros puderam participar do esporte. Porém, com muitas ressalvas. Com a profissionalização e a criação de leis, inserindo os negros no futebol brasileiro, percebe-se que os atletas negros participam do esporte, de modo que a negritude fica excluída. Assim, esta pesquisa visa mostrar como a branquitude influencia diretamente na esfera futebolística e como a negritude teve que se reinventar para participar do esporte, além de problematizar como os negros são utilizados como mercadoria num sistema capitalista que é o futebol. Metodologicamente, para embasar este trabalho, utilizamos os autores Conceição (2023) para discutir sobre o racismo e como ele está enraizado na sociedade, fazendo-se presente no futebol. Em segundo lugar, usamos as discussões de Eiras (2019), mostrando que o negro e sua negritude no esporte são dois momentos diferentes, e Quijano (2020), refletindo acerca dos problemas identitários causados pela colonização do continente americano, entre outros. Em linhas gerais, podemos concluir que os problemas enfrentados pelos negros também se fazem presente na esfera esportiva, dentro e fora dos campos de futebol.

**Palavras-chave:** negros; futebol; racismo; raça; luta.

#### ABSTRACT

The origin of football in Brazil occurred through the ruling classes prohibiting black people and workers from participating in the sport, restricting only the elite of the time. But this did not stop black people from practicing the sport, even if it was underground. Over the years, and through the creation of professional leagues, black people were able to participate in sport. However, with many caveats. With the professionalization and creation of laws, including black people in Brazilian football, it is clear that black people participate in the sport, so that blackness is excluded. Thus, this research has the general objective of showing how whiteness directly influences the football sphere, and how blackness had to reinvent itself to participate in the sport, in addition to problematizing the way in which black people are used as merchandise within a capitalism system that it's football. Methodologically, to support this work, we used the authors Conceição (2023) to discuss racism and how it is rooted in society, being

---

<sup>1\*</sup>Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: gabsfreitas37@gmail.com

present in football. Secondly, we used the discussions of Eiras (2019), showing that black people and their blackness in sport are two different moments and Quijano (2020), reflecting on the identity problems caused by the colonization of the American continent, among others. In general terms, we can conclude that the problems faced by black people are also present in the sporting sphere, on and off the football pitch.

**Keywords:** racism; race; football; challengers.

## **1 INTRODUÇÃO**

O futebol, como uma prática esportiva, pode ser interpretado como um ato cultural e social que une as pessoas. Durante os noventa minutos da partida, as distinções sociais tornam-se imperceptíveis, dada a tensão inerente ao jogo ou à trajetória do clube no campeonato. Em vista disso, um olhar telescópico dá-nos a impressão de torcedores juntos como uma unidade, especialmente, quando se trata de um campeonato disputado ou uma final.

Contudo, essa experiência esportiva traz consigo a possibilidade de reflexões para o olhar do historiador quanto às relações presentes em uma dinâmica societal. Diante disso, apresentamos as seguintes problemáticas: como o futebol no Brasil se relaciona com práticas de racialização e branquitude? Como essas dinâmicas também estão presentes na América Latina?

A partir das questões supracitadas, analisamos como, desde a introdução do futebol na América Latina (e no Brasil), ocorreram segmentações sociais, tendo por base as origens sociais associadas à classe e à raça dos jogadores. Assim, a nossa pesquisa terá como metodologia uma revisão de literatura, na qual utilizar-se-ão fontes bibliográficas e fotográficas para seu embasamento teórico e metodológico de abordagem qualitativa.

## **2 AS RELAÇÕES DA BRANQUITUDE COM O FUTEBOL EM UMA ESCALA DE ANÁLISE LATINO-AMERICANA**

Na contemporaneidade, alguns esportes ganharam uma difusão que avançou por campos alheios ao local de realização das competições. Lançando o nosso olhar sobre esta prática esportiva, difundida desde o início do século XX, consideramos que o futebol conquistou espaços cada vez mais amplos, chegando até mesmo a relações com a política e a religião.

Consequentemente, esse nível de enraizamento social faz com que possamos ver relações inclusive na área artística, a exemplo do quadro “*Futebol*” do pintor Cândido Portinari. Ao pintar este tema, Portinari mostrou tal esporte como uma expressão do contexto social vivido naquela época. Além da consolidação da seleção brasileira no cenário internacional, na década de 1930, com o profissionalismo do esporte e a inserção de negros e mestiços no futebol, o esporte popularizou-se ainda mais (Máximo, 1999).

Nesse ângulo, Portinari, que teve uma orientação política voltada às causas sociais, no qual chegara, inclusive, a fazer parte do Partido Comunista do Brasil (PCB), através de seus quadros, refletia os problemas e a vivência social das camadas mais excluídas e esquecidas da sociedade. Mediante seu quadro intitulado “*Futebol*”, pinta como este esporte foi capaz de reunir toda a população como uma “brasilidade”, cuja mensagem nacional sinalizava para uma integração e identidade do povo brasileiro.

**Figura 1:** Futebol (Cândido Portinari, 1935).



Fonte: Google Arts&Culture<sup>2</sup>.

A partir da ilustração acima, podemos verificar que nesse percurso voltado para o campo, várias são as leituras sobre o futebol. Além de encontrarmos presença futebolística nas artes plásticas, essa presença também está em músicas como “*Um a Um*”, do cantor Jackson do Pandeiro, “*País do Futebol*” de MC Guimê, “*Filho Maravilha*”, de Jorge Ben Jor, ou ainda, no dia a dia, por intermédio de expressões do

---

<sup>2</sup>Cf. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/futebol/twECg4xY-DFMDw?hl=pt-BR>. Acesso em: 11 jun. 2024.

português brasileiro, a saber: “aos 45 do segundo tempo”, “nesta altura do campeonato”, “vestir a camisa” e “jogar para escanteio”. Por essa razão, temos como problemática para esta seção refletir sobre o seguinte questionamento: como o futebol foi introduzido, desenvolvido e profissionalizado quanto às relações étnicas e de classe no Brasil?

A *priori*, a introdução do futebol no Brasil ocorreu através das classes dominantes paulistas na década de 90. Mais especificamente no ano de 1989, com indivíduos de origem europeia, predominantemente portugueses e italianos. Essa elite era composta por empresários liberais do ramo da indústria têxtil e proprietários de terra, com ênfase na cafeicultura e agroexportação.

Segundo Soihet (2017), a prática esportiva do futebol era utilizada pelo movimento higienista como forma de exercitar o corpo, além de estabelecer a busca pelo corpo perfeito e saudável, relacionando-se com a calistenia<sup>3</sup>. Além do caráter higienista que dominava os grandes eixos, como São Paulo e Rio de Janeiro, do Brasil na década de 1930, Soihet (2017) afirma ainda que a inserção do futebol na sociedade brasileira também vem de um ambiente exterior e apresentado como civilizatório dos ingleses, por ser um esporte importado da Europa (Soihet, 2017, p. 209).

Posteriormente, o futebol chegou a ser popularizado, atingindo outras camadas da sociedade. Porém, apenas os brancos elitistas tinham acesso ao futebol com os equipamentos adequados, para praticá-lo com os rigores nutricionais e das regras, enquanto aos negros, restava apenas a clandestinidade do esporte, a partir de uma aprendizagem feita na base de observações.

Não obstante, no viés industrial, os donos das fábricas pensaram que seria ótimo, para o bem-estar e lazer dos funcionários, incluir o esporte dentro das fábricas, visto que dessa forma estariam ocupados se divertindo e não teriam tempo para formarem motins ou sindicatos contra seus empregadores. Desde o início do século XX, quando Charles Miller, um filho de imigrantes ingleses, importou o futebol para o Brasil, o esporte passou a se popularizar no país em todas as camadas e através de vários fatores, como a popularização das fábricas têxteis.

Por conseguinte, a mídia também influenciou essa conjuntura, com a cobertura de jogos e informações de jogadores, relatando tudo sobre o esporte nos jornais. A

---

<sup>3</sup>A calistenia é um tipo de exercício físico que envolve utilização do peso do corpo como resistência para desenvolver força, flexibilidade, agilidade e coordenação.

rivalidade entre estados (principalmente com os campeonatos cariocas e paulistas) atraiu, além do quesito cultural onde os cidadãos brasileiros encontraram naquele esporte de lazer, um momento de alegria e paixão.

Segundo Davila e Londoño, o futebol tem a capacidade de se infiltrar em várias ramificações da sociedade, transformando assim o esporte em reflexo da sociedade (Davila; Londoño, 2003). Neste sentido, a partir do entendimento do futebol como objeto do reflexo da sociedade, podemos avaliar o quanto o pacto da branquitude perpassa por tantos setores sociais incluindo esportes.

Desse modo, considerando uma sociedade como a brasileira, que na primeira década do século XX teve representantes em um congresso internacional sobre raças, cujos delegados brasileiros chegaram a projetar que em cem anos o Brasil se emanciparia da presença social dos negros<sup>4</sup>, podemos entender o futebol como sendo um espelho da sociedade centralizada em um transplante de um ambiente de inspiração europeia, de uma dominância social burguesa, branca e de padrão europeu (Eiras, 2019).

Ao analisar o processo de colonização da América Latina, constatou-se a disparidade entre brancos, negros e mestiços nas diversas formações sociais, razão pela qual os conflitos de classe e discriminações raciais podem ser analisadas através do futebol (Eiras, 2019). Já para Assunção (2023), a branquitude é uma construção social que molda políticas, percepção do passado e do futuro, isto é, um sistema que atravessa traços fenóticos e se torna sistema de poder, implicando em noções sociais de raça e etnia, como os não-brancos são inseridos na sociedade, além dos papéis e hierarquias que eles costumam assumir.

Acerca das características da branquitude, Assunção (2023) afirma que o passado colonial, através das dominações física e intelectual, planta as raízes políticas e estruturais do eurocentrismo, eugenia e branquitude no território americano. Através da análise do tempo presente, esse pacto se apresenta de uma maneira mais política e hierárquica, através do viés da inserção do branco na história oficial da nação e das exclusões das minorias dos ambientes (Assunção, 2023).

Assim, conforme expõe Assunção (2023) ao longo da sua obra sobre políticas da branquitude, essas questões vêm de um passado colonizador europeu na América

---

<sup>4</sup>O Congresso Universal das Raças foi um evento internacional que tinha como objetivo discutir e promover a igualdade racial. O primeiro encontro ocorreu em Londres, Reino Unido, nos dias 26 a 29 de julho de 1911.

portuguesa. Nessa direção, Anibal Quijano (2020) afirma que a colonialidade de poder e eurocentrismo também se fazem presentes na consequência do poder da branquitude na América hispânica.

Quanto à criação de termos para determinar raça e segregação pela cor da pele, Quijano (2020) aborda a colonialidade de poder como forma dos europeus conseguirem encontrar para exercer poder e influência durante o período de dominação e exploração, isto é, a colonialidade é uma forma de poder que os europeus encontraram para continuar a dominar a América, além dos esforços físicos.

Noutro extremo, a dominação de poder é encontrada em todas as sociedades, sejam dominações física, política ou intelectual, uma vez que toda sociedade se encontra refém do poder, mesmo em uma sociedade mais democrática (Quijano, 2020). Conforme uma avaliação de Quijano,

[...] toda sociedade é uma estrutura de poder. O poder é aquilo que articula formas dispersas e diversas de existência social em uma única totalidade, uma sociedade. Toda estrutura de poder é sempre, parcial ou totalmente, a imposição de alguns, muitas vezes de um determinado grupo, sobre outros (Quijano, 2020, p. 894).

Por meio da citação acima, depreende-se que em uma sociedade na qual a branquitude se faz presente, é comum que a estrutura de poder esteja concentrada entre brancos, dado que mesmo após a independência dos países latinos, a concentração do poder da sociedade ficou concentrada nas elites branca e burguesa de ascendência europeia.

Tanto Assunção (2023), como Quijano (2020), afirmam que a estrutura de poder latino-americano foi edificada e aprimorada nas mãos dos descendentes dos colonizadores, sendo a branquitude na América Latina, a busca do apagamento das outras etnias (negros e indígenas), racializando esses povos com o estigma da marginalização nas sociedades (Assunção, 2023).

Para Assunção (2023), na sociedade brasileira as políticas da branquitude trabalham por meio de políticas educacionais, levando ao apagamento e mudando narrativas históricas através da educação. Ou seja,

No Brasil o “isabelismo” é uma modalidade temporal dessa forma por excelência da racialização do tempo histórico por meio do discurso da branquitude: os negros/indígenas/mestiços sempre como seres “bestializados” diante da ação (benevolente) do Estado Nação... (Assunção, 2023, p. 429).

O fenômeno do isabelismo no meio educacional, que cria uma narrativa em que a Princesa Isabel concede a libertação dos escravos como forma de ser benevolente, instiga ainda mais a ideia de que os brancos são os salvadores (Assunção, 2023), excluindo totalmente as lutas que os negros e mestiços tiveram ao longo dos momentos de crise do império. Ademais, a branquitude colonialista opera através de um poder simbólico que constitui uma violência sutil.

Para Bourdieu (2001), esse fenômeno é tão sutil que os dominados nem percebem e continuam a fazer a manutenção dessa violência, por exemplo, na forma como a religiosidade nativa americana foi totalmente colocada no esquecimento ou endemoniada, a fim de enaltecer a religiosidade cristã europeia. Adicione-se a isso, que instituições como a própria Igreja, legitimam essa violência, excluindo quaisquer resquícios de religiosidade que não seja cristã.

Inserida dentro de vários âmbitos sociais, a branquitude chega ao mundo futebolístico quando o movimento eugenista está em seu auge, durante o início do século XX. Segundo Conceição (2023, p. 231), “O evolucionismo, eugenismo, higienismo e o positivismo, eram marcantes, forjando a maneira dos intelectuais perceberem o mundo à sua volta.” Todos esses movimentos serviram como base forte para que a branquitude se utilizasse de conceitos intelectuais para privar ainda mais o negro de ser inserido na sociedade.

Em consequência disso, houve o afastamento dos negros no futebol brasileiro, já que o futebol era visto como um esporte que deveria ser praticado pela elite (Soihet, 2017). Apesar da exclusão dos negros pela elite, na década de 1910 surgiram alguns clubes com operários, dando abertura para times que não tinham origens na elite (Pereira, 2000). Dentre esses clubes figura o Bangu, cuja origem foi operária.

Diferentemente do processo ocorrido no Brasil, o futebol no Uruguai se popularizou através das camadas operárias, devido às estratégias que o governo uruguaio tomou, influenciado pelas políticas inglesas. No Uruguai, o governo resolveu utilizar o esporte como forma de controlar os operários nos seus dias de folga, a fim de que eles não se rebelassem contra os donos das indústrias, ou seja, utilizando o esporte como uma tentativa de realização de um controle social (Máximo, 1999).

À vista disso, ao longo da história do Uruguai houve vários nomes importantes, inclusive, de jogadores negros como Gradin, da seleção, que sofreu bastante com a discriminação racial vinda da população (Soihet, 2017). Devido a um histórico de

grandes imigrantes italianos, poloneses do leste europeu, o Uruguai consagrou grande parte da população branca e de origem europeia.

Isso ocorreu porque, assim como a Argentina, o Uruguai teve uma forte imigração europeia em massa e um projeto político de embranquecimento na sua população. Desse modo, Quijano (2020) afirma que “A homogeneização nacional da população, segundo o modelo eurocêntrico de nação, só poderia ter sido alcançada através de um processo radical e global de democratização da sociedade e do Estado” (Quijano, 2020, p. 907).

Concernente a isso, a democratização racial nesses países ocorreu em vias eurocêntricas e com prioridade para uma raça branca, com origem e cultura europeias na América Latina. Por isso, ao analisarmos a seleção argentina de futebol ao longo da sua história, conseguimos encontrar apenas dois atletas negros: o goleiro reserva Héctor Baley, na copa de 1978, e Héctor Enrique, em 1986. Infere-se, portanto, que o projeto político da branquitude na Argentina também se faz presente na seleção de futebol do país.

Segundo Fanon (2008, p. 26), “O negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo”, isto é, para o negro, a cor da pele será eternamente impulsionada a todos os preconceitos que a negritude carrega; mesmo atletas negros bem-sucedidos e que ao longo da história conseguiram se consagrar no esporte, sempre terão tal sucesso colocado em dúvida.

Observa-se isto por meio de Pelé, que é considerado o rei do futebol por quase todo o mundo futebolístico, como um revolucionário da posição que ocupava nesse esporte. Contudo, são levantadas dúvidas sobre seu talento e capacidade, mesmo sendo um ex-jogador que outrora ganhara três títulos de Copa do Mundo, sendo um profissional relevante na conquista das três.

Outrossim, Conceição (2023) registra que “O corpo negro, especificamente, o atleta negro, irá continuamente estar entre dois extremos, como vira-latas quando são acusados de erros ou como heróis responsáveis pela vitória” (Conceição, 2023, p. 242). Conforme este pensamento, é como se a sociedade estivesse esperando um deslize para destilar todo ódio e discriminação racial contra os negros. Mesmo que o futebol seja um esporte em conjunto, praticado por equipes, a derrota sempre é colocada como culpa dos jogadores negros, mestiços e indígenas.

A branquitude perpassa vários setores da sociedade, inclusive o setor futebolístico. Através da socialização desenvolvida no mundo do futebol, podemos perceber como alguns setores da sociedade estão em crise; a socialização nesses ambientes esportivos serve como espelhos para conflitos sociais, ao mesmo tempo que também serve como ambiente de identidade racial (Toledo, 1996).

### 3 NEGRITUDE NO FUTEBOL

No mundo esportivo, disciplina e respeito às regras são pilares fundamentais. A introdução das aulas de educação física, além de promover saúde, também direciona valores disciplinares para as crianças. Nesse ângulo, Eiras (2019) refletiu como as instituições esportivas são ambientes formadores de disciplina e ética, e como esses atletas aos quais são atribuídos esses conhecimentos, devem virar modelos a serem seguidos pela sociedade.

Essa avaliação é necessária para entendermos a dinâmica de valores na representação da negritude no futebol, bem como a complexidade dessa questão, já que disciplina e ética estão ligadas aos argumentos midiáticos utilizados para se referir aos jogadores e fortalecer estereótipos sobre a negritude. Segundo Bourdieu (1983), o esporte tem características disciplinares, com intuito de trabalhar os diversos aspectos da masculinidade no campo esportivo, além de exaltar a filosofia do esporte como um ramo de ética.

Neste seguimento, Pierre Bourdieu defende que

A constituição de um campo das práticas esportivas se acompanha da elaboração de uma filosofia política do esporte. Dimensão de uma filosofia aristocrática, a teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes: o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de “formar o caráter” e inculcar a vontade de vencer (“*will to win*”), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras é o fair play, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço (Bourdieu, 1983, p. 40).

Conforme analisa Bourdieu (1983) no trecho supracitado, o futebol procura criar regras morais e disseminar conceitos como o *Self Made Men*. Essa formulação foi muito bem usada e expandida pela burguesia para disseminar a ideia de que tudo é possível através do esforço individual, dando ênfase na meritocracia e embasando ainda mais o mito da democracia racial. Além disso, Bourdieu analisa bem a forma

como a política do esporte vem de um ambiente viril masculino; até as torcidas dos times carregam a masculinidade e competitividade.

A lógica masculina, na qual a competitividade vai além do quesito físico e parte para agressões verbais, são consideradas parte do esporte (Gastaldo, 2005). Essa masculinidade e agressividade exacerbada que o futebol proporciona, acaba afetando a narrativa dos atletas, principalmente os atletas negros, incidindo diretamente na agressividade e histórico social racista, vindo a sofrer maiores difamações e discriminações. À medida que a profissionalização do futebol ocorre, essas discriminações acabam entrando em maior evidência.

Diante disso, a inserção dos negros no futebol ocorreu devido à profissionalização da profissão jogador de futebol. No Brasil, no final da década de 30 e início da década de 40, durante o governo de Getúlio Vargas, criou-se a Comissão Nacional do Desporto (CND), garantido legislações especiais voltada para o esporte, além de regulamentar e garantir direitos e deveres para atletas e clubes de futebol (Sampaio; Mota, 2024).

Devido às implementações dessas leis, direitos foram garantidos aos atletas. Um exemplo disto está no Decreto Lei n.º 5. 342/43, cujo artigo 5º “[...] estabelecia que a relação entre atletas e entidades esportivas fosse manifestada em contrato e que os mesmos deveriam ser registrados no Conselho Nacional de Desporto” (Sampaio; Mota, 2024).

A CND foi uma entidade importante e necessária para a regulamentação do esporte e da inserção de leis garantido direitos dos futebolistas, inclusive, direitos contra o racismo. Com o Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD) foi possível a inserção da regulamentação de leis contra a discriminação:

Art. 243-G. Praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência. Pena: suspensão de cinco a dez partidas, se praticada por atleta, mesmo se suplente, treinador, médico ou membro da comissão técnica, e suspensão pelo prazo de cento e vinte a trezentos e sessenta dias, se praticada por qualquer outra pessoa natural submetida a este Código, além de multa, de R\$ 100,00 (cem reais) a R\$ 100.000,00 (cem mil reais). (Incluído pela Resolução CNE nº 29 de 2009).

Devido à profissionalização do esporte, os clubes puderam aderir a jogadores de cor, de modo que a seleção permitiu a convocação de negros para jogar representando o Brasil (Conceição, 2023). Essa mudança revolucionou o futebol com a presença de grandes jogadores como Pelé, um homem negro, e Garrincha, filho de

indígena da etnia *Fulni-Ô*, ambos de origem humilde. Contudo, vieram a sofrer discriminação pela sua raça e, ao longo da história, foram colocados em ambientes opostos de referencial para a sociedade.

Assim como os negros sofrem uma crise identitária, quando entram no mundo futebolístico, a identidade indígena de Garrincha também sofreu apagamento étnico, ao ser considerado pardo. Essa prática ainda ocorre com a população brasileira indígena, a qual sofre um apagamento em todos os setores da sociedade, sob a classificação de “pardos”, inclusive por setores do movimento negro. Nessa ótica, a regionalidade é um fato que influencia na variedade de fenótipos no Brasil, visto que a parte cultural acabava ficando perdida e agrupada dentro de apenas um conceito que é incorporado no termo “pardo”.

Segundo Payayá (2021), apenas olhar pelo viés da regionalidade não justifica a desigualdade e esquecimento de etnias. A invalidação da presença dos indígenas dentro da história e a ascensão da categoria pardo é algo que se faz presente desde os âmbitos institucionais como miscigenação, incidindo diretamente em casos de estupros das mulheres indígenas, de negras e políticas imigratórias, inserindo o pardo como uma categoria que incluem e agrupa diversas identidades culturais e étnicas sob um único rótulo (Gomes, 2019). Nesse sentido, os estudos de Gomes (2019) afirmam que:

Mas, além disso, o pardo é o estágio de transição entre negros, indígenas e brancos, movendo-se para a branquitude. Nesse sentido, como, historicamente, o ser negro é associado à escravidão, à falta de afeto, ao trabalho braçal, à pobreza e à criminalidade, e o ser indígena à selvageria, à incivilidade e à preguiça, é natural que o pardo tente se embranquecer (Gomes, 2019, p. 70).

A categoria denominada “pardo” é o que está mais longe do negro e mais perto do branco, por isso, a falta de identidade da população acaba fazendo com que eles entrem nessa categoria e se afastem da sua verdadeira identidade. Assim sendo, Silva e Leão (2012, p. 130) afirmam que “[...] pardos historicamente compartilham uma situação socioeconômica parecida com a dos pretos, mas sistematicamente identificam menos discriminação racial do que esse grupo”. Ou seja, devido ao fenótipo, tais indivíduos não sofrem tanta discriminação. Considerando-se a pirâmide social, eles continuam na base com os negros.

Assim, no mundo esportivo, geralmente os indígenas também são excluídos das origens e identidade. Segundo dados divulgados pela Confederação Brasileira de

Futebol (CBF) em 2023, apenas 2,36% de atletas, homens e mulheres, e árbitros da série A e B do campeonato brasileiro se consideram indígenas (ESPN, 2023).

No início do século XIX, ainda com a cultura eugenista sendo disseminada no país, o futebol ficava restrito apenas à elite. Quando o esporte começou a fazer sucesso, viu-se a necessidade de estabelecer leis e regras, em 8 de julho de 1905. Naquela data ocorreu a fundação da Liga Metropolitana de Futebol (LMF), cujo objetivo era definir algumas regras que iam além do esporte jogado no campo, a saber: definir os clubes, quem poderia jogar e excluir agremiações que contavam com pessoas de cor e operários sob a justificativa de que eles não faziam parte do mundo esportivo.

Alfredo Chaves, ligado ao Botafogo, se fez presente nos protestos contra as restrições da Liga Metropolitana (RJ) que queria barrar os jogadores negros de participar (Soihet, 2017). Com ajuda da classe elitista do futebol e a inserção da Lei do Amadorismo (1917), a exclusão de jogadores negros foi reforçada e pressionava os clubes para que na sua comissão fosse formada apenas jogadores brancos. Soihet (2017) evidencia, porém, que isso não foi aceito pela população apegada ao futebol e que, além de jogar, também queriam assistir o esporte.

Vários protestos contra essa medida foram feitos contra os preços absurdos dos ingressos que chegavam a ser mil reis, acabando por excluir não só a entrada de negros como praticantes do esporte, mas como consumidores do esporte. As disputas e conflitos regionais, étnicos e sociais também estavam bem presentes na primeira parte do século XIX. Quando o assunto era futebol, a proibição de afastar o esporte das classes populares foi dinâmica, porém não o suficiente (Soihet, 2017).

Foi na década de 1930, com a união de clubes do Rio de Janeiro (Vasco, Bangu, Fluminense e América), que a primeira liga esportiva carioca foi criada, dando origem à profissionalização do esporte e abrindo espaços para o aumento da presença de jogadores negros e operários no esporte. Essa medida, além de derrubar as barreiras sociais, colocou pessoas de elite e pessoas de origens humildes para competir no mesmo ambiente (Soihet, 2017).

Com a profissionalização dos jogadores negros, a partir da década de 30, a presença deles no futebol brasileiro teve como efeito a percepção de como os jogadores negros começaram a se destacar vencendo títulos e tornando-se peças importantes dos clubes. Esse destaque passou a colocar em xeque a segregação imposta pela elite no mundo futebolístico.

Assim, nomes como Alfredo Chaves, que foi uma peça importante na luta contra a discriminação da Lei do Amadorismo, Domingo da Guia, que deu origem a expressão “domingada” e foi um zagueiro renomado na seleção brasileira (Viana, 2021) e Leônidas da Silva, que inventou o gol de bicicleta, foram figuras importantes não só na mudança da forma de jogar futebol com talentos e táticas diferentes dos jogadores brancos, mas foram de extrema importância na luta contra a discriminação racial, sendo resistência em um ambiente que era controlado e ditado pela elite brasileira (Soihet, 2017).

Nesse ângulo, o futebol, por estar imerso numa origem europeia e com visão civilizatória, faz a perpetuação de um esporte hierarquizado, por meio de uma posição social e racial. Conseqüentemente, de forma mais sutil, utiliza da disciplina para manter os jogadores negros controlados para fins capitalistas. Os desportistas são utilizados como uma mercadoria moldada aos conformes da elite eugênica burguesa. Em razão dessa condição, os negros do mundo futebolístico acabam vendo sua negritude sendo construída por dois vieses: faz-se presente na narrativa do futebolista negro a dicotomia entre o negro humilde e o negro desobediente (Eiras, 2019).

Essa divergência trazida por vieses políticos e midiáticos lança estereótipos sobre atletas negros e o que se deve esperar; sendo assim, o atleta deve ser obediente, mantendo-se afastado das zonas políticas progressistas (tendo presença junto ao conservadorismo) ou vai ser taxado como um negro petulante, que é malvisto pela sociedade e não deve ser enxergado como referência social. Neste sentido,

De maneira geral, tais perspectivas representam o enaltecimento do atleta negro humilde – discreto, comedido e obediente – e o desmerecimento do atleta negro soberbo – excêntrico, extravagante e adversativo. A problemática que o futebolista negro carrega consigo concentra-se na quebra de estereótipos que as sociedades periféricas carregam a seu respeito. O conjunto de estilizações e temáticas típicas às populações pobres - comumente marcado pela presença massiva da população negra - são exaustivamente representadas como locais humildes, comedidos, simples e moderados (Eiras, 2019, p. 59).

Segundo Eiras (2019), Pelé é tido como exemplo a ser seguido, pois ele tem aval dos brancos, isto é, foi disciplinado, serviu ao exército, discreto e subiu na vida pelo esforço próprio, dando ênfase ao mito da democracia racial. Ou seja, por um lado, o negro, através do esforço e do talento, poderá conseguir a “ascensão social”. Em outra instância, quanto ao esforço midiático e senso comum para apagamento dos pardos, temos a situação de outro futebolista: Garrincha.

Em divergência ao padrão do negro modelo para o mercado simbólico do futebol, aparece o Garrincha como negro a ser desprezado por ser marcado por seu contraste, corporificando a criminalização, a desintegração social, o desprezo por negros advindos de comunidades populares, representando o racismo presente (...) operário bêbado e camponês (Eiras, 2019, p. 82-83).

Em contrapartida, Eiras (2019) expõe que quando o atleta negro quebra a expectativa subordinada e expõe as discriminações enfrentadas ao longo da carreira, começa a sofrer as consequências de um sistema eugênico e racista que tenta esconder as discriminações existentes no esporte. Em função disso, o autor relata que

A contradição que um futebolista autêntico de originalidade carrega consigo – como os preceitos de originalidade e soberba –, tem o seu ineditismo barrado pela própria singularidade. Sua persona ameaça uma lógica racista mais abrangente de sociedade, que implica o controle instrumental sobre a imagem destas representações e a fixação destes padrões pré-existentes sobre a população negra (Eiras, 2019, p. 59).

Dessa forma, Eiras (2019) afirma que a personalidade do atleta negro, quando não corresponde ao esperado, é alvo de ações disciplinares e de contestação sobre a incompatibilidade do esporte com a ética do jogador. Se a *persona* do atleta negro foge do negro obediente dentro do contexto esportivo burguês, esse atleta será alvo de críticas e questionamentos pessoais, que irão ser levados a debates para além do sentido da profissão.

Sobre a dicotomia entre o negro aceito e o negro que deve ser evitado, Eiras (2019) reflete como o mito da negritude humilde mostra a expectativa que se tem enquanto sociedade para as atitudes que os futebolistas negros devem agir e seguir. Neste sentido,

A representação social de futebolistas negros é um núcleo destes embates decisivos sobre a identidade negra a partir do futebol. O mito do herói e da negritude humilde integram a memória coletiva do país, extremamente disseminada e reproduzida de forma sistemática no nosso cotidiano. Já a negritude “insubordinada”, tem práticas mais inovadoras que modificam aquilo que estamos acostumados a ver, gerando uma nova forma da retórica identitária racial no Brasil (Eiras, 2019, p. 76-77).

A identidade negra no meio futebolístico vive na dualidade entre negritude submissa e negritude insubordinada, a expectativa que já é exposta nos jogadores de cor desde cedo é algo que por muitas vezes os condena, sem que eles possam se mostrar enquanto ser humano e indivíduo (Eiras, 2019). A negritude é multifacetada levando em consideração fatores sociais, geográficos e experiências individuais. O

racismo implica em ignorar essas diversidades e reduzir o negro a estereótipos, perpetuando as injustiças sociais e invalidando as diversidades da negritude.

Levando em consideração que o ser humano está relacionado à biologia, o ser humano enquanto negro se situa numa sociedade hierarquizada, eugênica e opressora, enquanto o indivíduo negro é um resultado único das experiências sociais e culturais dentro da sua própria essência, ou seja, dentro da negritude não existe apenas o indivíduo negro.

Além disso, o mito do herói negro que vai salvar a seleção brasileira ou aquele jogador negro talentoso que tem a ginga e se destaca, impõe sobre os jovens demasiada responsabilidade, especialmente com a ascensão das mídias sociais. Essa responsabilidade aumenta de uma forma desproporcional e quando eles não conseguem retribuir a expectativa, o racismo entra em cena como uma forma de punir ou de justificar o mau desempenho (Eiras, 2019).

A globalização do futebol com o capitalismo transformou o esporte num palco isento de lutas políticas. Apesar de campanhas contra o racismo em quase todas as ligas, os torcedores ainda são livres para cometerem atos racistas, ainda que, em alguns casos, resultem em punições legais ou das entidades controladoras do futebol, como a Federação Internacional de Futebol (FIFA).

Contudo, as punições parecem ser inexpressivas ante à quantidade de situações notificadas. A nossa hipótese é de que essas práticas ocorrem porque o futebol é utilizado como um ambiente comercial atualmente, no qual os valores financeiros são mais altos do que os princípios de igualdade racial. Segundo Fiengo (2003), a globalização tornou o esporte um evento no qual as regras são baseadas em necessidades do mercado, razão pela qual o esporte virou um produto a ser consumido.

Nesse sentido, o autor afirma que

A globalização do futebol não implica apenas a transnacionalização do seu campo, mas também, e fundamentalmente, que ele tenha começado a separar-se institucionalmente— do campo político (uma articulação que fez com que possível utilização nacionalista do futebol), bem como a sociedade civil, para ceder a sua independência às leis do mercado global. Como consequência, os valores humanistas particulares associados a esse desporto, inspirados no Olimpismo reciclado como fair play, já desvalorizados pela lógica nacionalista que durante muito tempo lhe foi imposta, estão agora subordinados às leis da economia de mercado. Em outras palavras, o espetáculo do futebol é cada vez menos um ritual, uma atuação política ou comunitária e torna-se, pelo contrário, um produto da indústria cultural, cujo

consumo ávido somos incansavelmente incitados pelas sirenes dos meios de comunicação (Fiengo, 2003, p. 260).

O futebol atualmente está muito ligado à midiatização do esporte (Pimenta, 2019). Os meios de comunicação transformaram o esporte e ajudaram a glamourizar a vida de jogador de futebol, os direitos de imagens, publicidade e propagandas, relacionando-as à imagem dos atletas aos quadros de verdadeiras celebridades, tendo o auxílio da mídia na glamourização do esporte. O jornalismo esportivo precisou acompanhar a evolução dos esportes e viu no futebol mais um ambiente a ser conquistado.

Para Sousa (2020), a história do jornalismo esportivo no Brasil começa no início do século XX, mas seu auge só vem e atinge o máximo de pessoas possíveis a partir da década de 1950, quando o futebol brasileiro começa a se consolidar. Ademais, Sousa (2020) afirma que a partir da década de 70 há uma mudança nos jornais esportivos e a presença dos negros começa a ser mais presente nas rádios, nos jornais e na televisão. O autor destaca também que, graças à adoção das crônicas esportivas, os jogadores começaram a ganhar mais visibilidade e iniciou-se a endeusar jogadores específicos, como foi o caso de Pelé.

Conforme avaliou Sousa (2020),

Um dos destaques da época, Nelson Rodrigues, utilizava-se deste artifício. Na sua crônica “A Realeza de Pelé”, publicada na revista Manchete Esportiva, do dia 8 de março de 1958, deu a Pelé a alcunha de Rei, em um jogo do Santos contra América – RJ (Sousa, 2020, p. 16).

No entanto, ao longo da exposição dos negros na mídia, surgem algumas problemáticas sobre como o corpo negro está relacionado a situações humilhantes e leva à uma associação resumida apenas a situações de pobreza e vulnerabilidade (Oliveira; Oliveira; Arrais, 2019). Segundo esses autores,

Os meios de comunicação e de enunciações de narrativas também são os fios condutores para construções imagéticas de exposição exacerbada que permanecem a inferiorizar o corpo negro, colocando-o em posição de humilhação e comprometendo ainda mais a sua imagem. Desta forma, percebe-se que existe um determinado paradoxo que envolve as pessoas negras, a partir de uma relação entre um corpo que é potência, mas também mantém-se como um “outro” que nada vale (Oliveira; Oliveira; Arrais, 2019, p. 4).

Levando em consideração que o esporte, no cenário atual, está cada dia mais monopolizado e com estruturas referentes à mercadoria, o atleta negro se encontra refém de um sistema desportivo, no qual, ao garantir a sua compra para atuar em um

time, também tem comprada a sua liberdade e seus princípios. Conforme a análise de um estudioso da temática,

O modo de comunicação de atletas negros é dividido e mediado por interesses políticos e econômicos radicalmente opostos que distinguem o senhor escravocrata – a mídia, os empresários, os clubes – de seus respectivos bens móveis – os atletas. (Eiras, 2019, p.78).

Diante disso, mesmo que ele seja o melhor jogador do time, trata-se ainda de um empregado do clube, de modo que os valores mais importantes a serem levados em consideração, são os valores de mercado. Por isso, a luta contra o racismo no ambiente futebolístico ainda é difícil. Por mais que as instituições responsáveis tentem punir a discriminação, os números aumentaram na última década, visto que as punições não são duras e estão sempre abertas às justificativas seguintes: 1ª) de que faz parte do esporte a crítica ou rivalidade com os jogadores, mesmo que essa rivalidade venha em forma de racismo; 2ª) Que a extrema-direita tem crescido mundialmente e muitos clubes não conseguem conter os torcedores das ultras de caráter fascista.

Segundo os dados fornecidos pelo jornal “O Globo” e pelo Observatório de Discriminação Racial no Futebol (ODRF), 41% dos jogadores negros relataram terem sofrido racismo no futebol brasileiro. Além disso, 31,6% dos jogadores indígenas também relataram discriminação. Já no cenário da América Latina, os dados continuam a crescer, segundo o Observatório. A Argentina, junto ao Brasil, são os países que lideram os maiores números de registros racistas, com 39 denúncias cada, entre os períodos de 2014-2021 (O Globo, 2023).

Apesar dos dados chegarem às instituições, a falta de punições duras prejudica uma luta antirracista mais efetiva. Nesse sentido, “[...] essa dura realidade é apontada na necessidade do aprimoramento de leis sobre discriminação racial e também pelo quantitativo dos números de crimes raciais que mantêm uma linha crescente” (Conceição, 2023, p. 241-2).

Em outras palavras, mesmo que haja campanhas e apoio aos atletas negros, nas punições brandas, como perda de mando de campo e valores financeiros como multa, apenas o clube é punido no cenário discriminatório. Isto significa que, enquanto as punições não chegarem aos atores ou forem mais duras com os clubes, as campanhas contra discriminação são apenas uma medida pequena dentro de todo cenário político, cultural e social que faz a manutenção do racismo.

Noutro extremo, cabe frisar que a ascensão pelo futebol é uma alternativa para os homens negros conseguirem sucesso financeiro. Porém, há a necessidade, além da ascensão financeira, da manutenção da identidade étnica, enquanto um homem negro e latino (Fernandes, 2007). O jogador de futebol negro, quando ascende socialmente, tende a se desvincular da sua etnia, seja por pressão da branquitude no âmbito social ou profissional.

Ao se encontrar em um ambiente majoritariamente elitista e dominado pela branquitude, é comum que alguns jogadores negros deixem sua negritude de lado, fugindo de questionamentos raciais ou mantendo-se isento de lutas contra a discriminação. É importante, nessa discussão, que o futebolista negro tenha ciência do seu lugar social, enquanto negro, uma vez que mesmo que vá jogar na Europa se destacando ao ponto de se tornar um dos melhores jogadores do mundo.

Não obstante, todos esses atributos previamente citados não impedem a discriminação racial. Reconhecer sua etnia e se tornar um agente de resistência num ambiente hostil e cheio de atores negros, é um dos principais passos que o jogador pode tomar como indivíduo na luta do racismo no mundo futebolístico, na medida em que há que se mobilizar para mover a diminuição do racismo.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo tem como objetivo geral, compreender a realidade dos homens negros e como eles foram inseridos dentro do cenário futebolístico no Brasil. Mesmo com a elite contra as leis que proibiam os negros e operários de jogarem, isso não impediu que eles formassem ligas, protestassem e conseguissem sua inserção no futebol. Além disso, o trabalho mostra como os negros tiveram que se moldar para estar dentro do futebol, ocupando espaços de subalternidade e se afastando cada vez mais da sua negritude e origens.

Ao serem inseridos no mundo majoritariamente branco e elitista, o indivíduo negro acaba ficando isolado e, para se manter ali, esse indivíduo precisa se desconectar o máximo possível com sua cor de pele e sua origem humilde, logo, os estereótipos começam a surgir e o negro tem um inimigo fora das linhas do campo:

as mídias e o racismo estrutural da sociedade, que o vê apenas como um corpo que está ali para servir e não um ser humano com suas individualidades.

Com a modernidade e as mudanças financeiras no mundo, toda área social acaba entrando na perspectiva capitalista e com o futebol não é diferente. Neste contexto, o futebol, como um dos produtos a serem consumidos, é um ambiente onde jogadores são tratados como produtos a serem comprados. E, conseqüentemente, os jogadores negros acabam sendo emoldurados dentro do que se é esperado pelo clube e, ao serem contratados por ele, a perspectiva capitalista torna aquele jogador como um produto pertencente ao clube, isto é, as relações passam a ser comerciais entre comprador-comprado.

A perspectiva capitalista dentro do esporte é vista apenas pela parte de cima da tabela, em que os atletas e a torcida não têm dimensão de como realmente funciona por trás dos bastidores. Às vezes, os clubes acabam determinando comportamentos para os jogadores. Um exemplo disso está em Garrincha, o mesmo sistema que o colocou como “anjo das pernas tortas” e o tratou como herói, foi o mesmo que o colocou contra a torcida quando as suas atitudes começaram a ser contra o sistema.

Na primeira seção do artigo, debatemos sobre os problemas da branquitude de acordo com Quijano (2020) e suas considerações sobre colonialidade de poder e problemas identitários que a América Latina sofre. Nesse eixo, Assunção (2023) expõe como essa branquitude estrutural se manifesta na sociedade brasileira e como é moldada. A branquitude como um objeto de consequência da colonização, perpetua-se até os dias atuais e chega em todos os ambientes da sociedade, incluindo o futebol. Nessa análise, o espetáculo da branquitude faz parte do pacto dos homens de se protegerem simultaneamente; é um pacto silencioso, mas que está sempre presente, quando medidas são tomadas levando em consideração jogadores brancos e jogadores negros.

Na segunda seção, abordamos sobre a negritude trazendo o auto Eiras (2019) como base principal para debater a forma como a negritude é exposta pela sociedade e qual negritude é aceita, além de mostrar como a mídia influencia na visão sobre os negros da sociedade perpetuando estereótipos. Trouxemos ainda, Soihet (2017), analisando como ocorreu a inserção dos negros nas ligas do Rio de Janeiro, os protestos e as leis que impediam os negros de participar.

Além disso, problematizamos como a negritude do negro é colocada em jogo, fazendo com que se adapte ao mundo futebolístico branco dominado pela elite e como o racismo e a exclusão funcionam dentro do esporte. Por fim, concluímos que a realidade do negro no futebol junto com a origem não foi fácil. Ocorreram muitas lutas e desafios para que os negros fizessem parte do futebol. Racismo, discriminação, aliados à influência da mídia, política e da sociedade foram cruciais para dificultar ainda mais a presença dos atletas negros. Porém, também ocorreram muitas lutas, protestos contra esse sistema racista.

O objetivo do trabalho é debater e expor o racismo enfrentado pelos atletas negros no futebol, mostrando como essa desigualdade social se perpetua em todos os campos da sociedade brasileira. Desde a análise histórica do início do futebol no Rio de Janeiro, aos dados sobre racismo enfrentado pelos jogadores dentro e fora de campo, além das figuras negras que tiveram que lutar para conseguir conquistar seu espaço no futebol (nos clubes ou na seleção brasileira), todos esses segmentos são analisados no texto com o propósito de refletir sobre a sociedade brasileira e a forma como os negros são tratados baseados num histórico racista colonial.

À vista disso, é crucial compreender e discutir a realidade dos atletas negros no futebol e os desafios enfrentados, não só como futebolistas, mas como indivíduos com sonhos e desejos de mudar de vida através do futebol.

Através do contexto histórico da América Latina, nota-se que a sociedade não só é racista, como dissemina ódio e discriminação aos negros, por isso a importância de debater o racismo em todos os espaços para que possamos promover mais reflexões sobre as atitudes tomadas e garantir uma sociedade mais justa e menos discriminatória.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Moraes de. As políticas do tempo da branquitude. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 30, n. 55, p. 423-441, 2023. DOI: 10.5007/2175-7976. 2023.e98687. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/98687>. Acesso em: 12 jun. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Como se pode ser esportivo?** Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. Entre vira-latas e heróis, o racismo no futebol brasileiro. **Captura Crítica: direito, política, atualidade**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 224-248, 2023. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacritica/article/view/6161>. Acesso em: 12 jun. 2024.

DÁVILA, Andrés L.; LONDOÑO, Catalina. La nación bajo un uniforme: Fútbol e identidad nacional en Colombia 1985-2000. *In*: ALABARCES, Pablo (Org.). **Futbologias: Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003, p. 123-143. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20100920010011/8PII-DavilaLondono.pd>. Acesso em: 15 mai. 2024.

EIRAS, Rodrigo Roberto Wanderley. **Raça, humildade e representações sociais: a estética da subordinação negra no futebol**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/52483>. Acesso em: 15 mai. 2024.

ESPN. **Do CT do clube aos estádios: pesquisa faz raio-x de casos de racismo no futebol brasileiro**. Entertainment and Sports Programming Network - ESPN. 2023. Disponível em: [https://www.espn.com.br/futebol/brasileirao/artigo/\\_/id/12529445/ct-clube-estadios-pesquisa-raio-x-casos-racismo-futebol-brasileiro](https://www.espn.com.br/futebol/brasileirao/artigo/_/id/12529445/ct-clube-estadios-pesquisa-raio-x-casos-racismo-futebol-brasileiro). Acesso em: 2 mai. 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p. Tradução de: Peau noire, masques blancs. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz\\_Fanon\\_Pele\\_negra\\_mascaras\\_brancas.pdf](https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf). Acesso em: 11 jun. 2024.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.

FIENGO, Sergio Villena. Gol-balización, identidades nacionales y fútbol. *In*: ALABARCES, Pablo (Org.). **Futbologias: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. 1 ed. Buenos Aires: Clacso, 2003, p. 257-271. Disponível em: <http://repositorio.iis.ucr.ac.cr/handle/123456789/112>. Acesso em: 15 mai. 2024.

GASTALDO, Édison. "O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 24. 107–123 p, jul. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832005000200006>. Acesso em: 11 jun. 2024.

GASTALDO, Édison. "O país do futebol" mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 22. 353–369 p, julho 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222009000200013>. Acesso em: 11 jun. 2024.

GOMES, Lauro Felipe Eusébio. Ser Pardo: o limbo identitário-racial brasileiro e a reivindicação da identidade. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 5, n. 1, p. 66-78, 2019. Disponível

em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/31930>. Acesso em: 13 jun. 2024.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, v. 13, n. 37. 179–188 p, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141999000300009>. Acesso em: 15 mai. 2024.

O GLOBO. **Estudo aponta que, no Brasil, 41,8% dos jogadores de futebol negros já sofreram racismo**. O Globo - esportes. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2023/09/01/estudo-aponta-que-no-brasil-418percent-dos-jogadores-de-futebol-negros-ja-sofreram-racismo.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2024.

OLIVEIRA, Joedson Kelvin Felix de; OLIVEIRA, Romênia Gomes de ; ARRAIS, Joubert de Albuquerque. Racismo estrutural midiático no Brasil: o corpo negro e as imagens online que condenam, matam e discriminam. *In: ENECULT - ENCONTROS DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA*, n. XV. 2019, Salvador. Disponível em: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112048.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2024.

PAYAYÁ, Francisco Gonçalves Queiroz. **O pardo como problemático na sociedade baiana e a classificação do IBGE em "cor e raça"**. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA & PARCERIAS - ANPUH*, n. 3. 2021. Anais [...] Rio de Janeiro.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social de futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 374 p.

PIMENTA, Izadora Silva. **O discurso midiático e o racismo no futebol**: uma abordagem sistêmico-funcional para a análise dos padrões de Julgamento. Campinas, 2019. 114 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1636499>. Acesso em: 12 jun. 2024.

QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes**: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso, 2020. (Antologías).

SAMPAIO, Micharlen Braga; MOTA, Guilherme Gustavo Vasques. Discriminação racial no esporte: o racismo e a legislação do futebol brasileiro. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE**, São Paulo, v. 10, n. 03, mar. 2024. Disponível em: [doi.org/10.51891/rease.v10i3.13423](https://doi.org/10.51891/rease.v10i3.13423). Acesso em: 11 jun. 2024.

SILVA, Graziella Moraes; LEÃO, Luciana T. de Souza. O paradoxo da mistura: identidades, desigualdades e percepção de discriminação entre brasileiros pardos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80. 117–133 p, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000300007>. Acesso em: 12 jun. 2024.

SOIHET, Rachel. O povo na rua: manifestações populares como expressão de cidadania. *In*: FERREIRA, Jorge (Org.); DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano**: O tempo do nacional-estatismo (do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2003, p. 287-323.

SOUSA, Joanna de Ângelis Barbosa de. **Mídia e racismo no futebol brasileiro**, f. 70 Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, Maceió, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/9094>. Acesso em: 13 jun. 2024.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996. (Educação Física e Esportes).

VIANA, Marcelo. **Domingos da Guia e a arte da “domingada”**. História da Ditadura. 2021. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/post/domingosdaguiaeaartedadomingada> Acesso em: 22 mai. 2024.